

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – FFLCH / USP**

**Estudos de gênero no âmbito das Ciências Sociais:  
material de apoio para o professor de Sociologia do Ensino Médio**

**aluna: Erica Janecek de Mello**

**semestre: 1o / 2010**

**SUGESTÃO DE LIVROS QUE PODEM SER UTILIZADOS  
NAS ATIVIDADES DIDÁTICAS**

**Título:** História das mulheres no Brasil (2001)

**Editora:** Contexto

**Organizado por:** Mary del Priore

**Capítulos:**

Eva Tupinambá, Ronald Ramineli

A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia, Emanuel Araújo

Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino, Mary Del Priore

Homoerotismo feminino e o Santo Ofício, Ronaldo Vainfas

Mulheres nas Minas Gerais, Luciano Figueiredo

Maternidade Negada, Renato Pinto Venâncio

Mulher e família burguesa, Maria Ângela D’Incao

Mulheres do sertão nordestino, Miridan Knox Falci

Mulheres do Sul, Joana Maria Pedro

Psiquiatria e feminilidade, Magali Engel

Mulheres pobres e violência no Brasil urbano, Rachel Soihet

Escritoras, escritas, escrituras, Norma Telles

Mulheres na sala de aula, Guacira Lopes Louro

Freiras no Brasil, Maria José Rosado Nunes

Ser mulher, mãe e pobre, Cláudia Fonseca

De colona a bóia-fria, Maria Aparecida Moraes Silva

Trabalho feminino e sexualidade, Margareth Rago

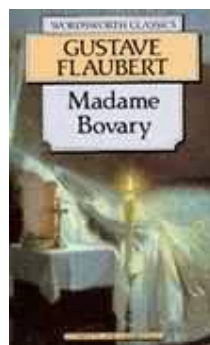
Mulheres dos Anos Dourados, Carla Bassanezi

Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira, Paola cappellin Giuliani

Mulher, mulheres, Lygia Fagundes Telles.

As conquistas obtidas pelas mulheres neste século foram as mais significativas de todos os tempos. No Brasil, a mudança da condição e dos direitos femininos é instigante e envolvente. Porém, a falta de referências bibliográficas deixava este processo fora do alcance do público em geral. O livro *História das Mulheres no Brasil* preenche este espaço. *História das Mulheres* separa as vitórias e as derrotas das mulheres, mas se propõe também a derrubar mitos, encorajar debates e análises, estimular a reflexão com base nos fatos apresentados e colocar a questão na ordem do dia. A obra reúne uma série de textos inéditos, escritos por 16 historiadores e pela escritora Lygia Fagundes Telles, que enfocam a mulher na história brasileira, da colônia aos tempos atuais. A obra é baseada em documentos históricos buscados em profunda pesquisa em museus, igrejas, assembleias, prefeituras e onde mais fosse possível para trazer um retrato fiel da trajetória de mulheres anônimas ou mesmo as famosas.

---



**Título:** Madame Bovary

**Autor:** Gustave Flaubert

**Editora:** Martin Claret

**Edição:** 2003

Publicado em 1857, *Madame Bovary* narra a estória da anti-heroica personagem Emma Bovary. O livro veio quebrar com os vigentes parâmetros do Romantismo e inaugurar o Realismo. O livro foi classificado na época como subversivo e rendeu vários processos contra Flaubert, mas em todos o autor se saiu vencedor. Desde o início do livro a descaracterização da idealizada mulher Romântica é evidente.

Emma Bovary é uma mulher insaciável, inteligente e bela, mas é obrigada a casar com um apático e passivo médico de uma pequena cidade do interior da França. Ela vive em um constante estado de opressão, onde as sonhadas diversões urbanas que ela imaginava nunca são concretizadas. Emma é uma mulher que busca um caminho diferente daquele em que foi preparada para percorrer. Sua vida vai ficando cada vez mais monótona e ela começa a se arriscar em aventuras muito mais sérias. Emma começa a se relacionar com outro homem e rapidamente se torna sua amante. Depois desse “amor” não dar certo, ela se entrega a outro, muito mais jovem que ela, e por isso ele nunca tem coragem de assumir esse romance e os dois acabam se separando.

Diante destas decepções amorosas, de dívidas que fizera e com a alma despeitada, Emma Bovary se mata e deixa claro que prefere morrer a enfrentar os eventuais problemas da vida. Gustave Flaubert formulou uma crítica social muito contundente. Com seu estilo impessoal, ele soube fazer do adultério de Emma algo sórdido e ao mesmo tempo belo. *Madame Bovary*, vem meio que sem querer, traduzir o início da emancipação feminina e como essa liberdade, se usada sem idoneidade, pode se transformar em desastre. O comportamento da personagem de Flaubert anuncia uma mudança que em breve colocaria o mundo macho de cabeça para baixo: o poder de escolha da mulher que sempre esteve paralisada pelas ordens dos homens. Emma não aceitava ser dominada, não era submissa, prendada ou fiel. O romance deixou os ânimos dos leitores europeus exasperados com suas doses de sexo, melancolia, ironia e emoção. Flaubert deixou claro que o livro é a retratação fiel da errônea sociedade burguesa com seus hábitos pouco louváveis e sua ostentação moral falsa.

*Madame Bovary* é um marco na literatura, um livro que veio ser a vanguarda do Realismo e mudou completamente a forma de escrever da época. A narrativa é suave e admirável, rica em detalhes e objetividade, o que faz da obra uma preciosidade que obtém o merecido rótulo de ser uma das melhores do século XIX

**Gustave Flaubert** (Ruão, França, 12 de dezembro de 1821 – Croisset, França, 8 de maio de 1880) foi um escritor francês. Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, seu senso de realidade, sua lucidez sobre o comportamento social, e pela força de seu estilo em grandes romances, tais como “*Madame Bovary*” (1857), “*L’Éducation sentimentale*” (1869), “*Salammbô*” (1862) e contos, tal como “*Trois contes*” (1877).

Gustave Flaubert é o segundo dos 6 filhos do médico Achille Cléophas Flaubert (1784-1846), cirurgião-chefe do Hospital de Ruão, e sua esposa Anne Justine, nascida Fleuriot (1793-1872). Passa a infância ao lado dos irmãos no Hospital onde o pai trabalha.

Estuda no Colégio Real, onde faz amigos para a vida inteira, tais como Louis Boulhiet (1829-1869), poeta; Maxime Du Camp (1822-1894), futuro editor e jornalista, e Alfred Le Poittevin, morto prematuramente. Interessado em literatura, dirige o semanário escolar, “*Arte e Progresso*”.

Aos 15 anos, interessa-se por teatro, e compõe um drama em 5 atos, em prosa, “Luís XI”. Em 1837, escreve seu primeiro romance, “Rêve d'enfer”, uma obra ainda imatura e juvenil, mas que já vislumbra os traços que caracterizariam suas futuras heroínas. Também aos 15 anos se apaixona, por uma mulher casada e onze anos mais velha do que ele, Elisa Schlesinger, a qual amará, talvez, pela vida toda; só declara, porém, o seu amor 30 anos mais tarde, através de uma carta. Embora viúva, Elisa já não quis desposá-lo. Elisa terminou sua vida em um asilo para doentes mentais.

O amor impossível, em especial por Elisa Schlesinger, inspira vários de seus livros: “Mémoires d'un fou”, em 1838, “Novembre”, em 1842, e as duas versões de “L'Éducation sentimentale”, em 1845 e 1869.



Retrato feito por [Eugène Giraud](#).

Inicia os estudos de direito, em Paris, para contentar o pai, porém não consegue se interessar pelas aulas, levando uma vida boêmia, gastando todo o dinheiro que o pai mandava despreocupadamente. Após ter sido reprovado nos exames de direito na Universidade de Paris, começa a ter crises nervosas, com alucinações e perdas de consciência, que os médicos diagnosticam como histérico-epiléticos. Seu pai o trata com sangrias e dietas, isolando-o em um sítio em Croisset, às margens do Sena. Há uma melhora das crises, que só iriam retornar no fim da vida. Durante esse seu retiro, falece seu pai e a irmã Caroline, aos 22 anos, após dar à luz uma menina.

Em 1846, Flaubert conhece Louise Collet, separada do marido e mãe de uma jovem de 16 anos, amante do filósofo Vitor Cousin, e inicia um romance. Louise era considerada, pelos amigos, presunçosa e afetada, pouco espontânea, exatamente o oposto da recatada Elisa Schlesinger.

Flaubert rompe com Louise em 1848 e, mergulhado na literatura, não percebe as transformações da França, tais como a revolução desse mesmo ano, que derruba o Rei Luís Filipe e entrega o poder a [[Napoleão III], proclamado imperador em 1852.

Nesse período Flaubert perde o amigo Le Poittevin, companheiro de infância, e sua saúde se abala. Gustave organiza, com o amigo Maxime du Camp, uma longa viagem ao Oriente, entre 1849 e 1852; viaja ao Egito e à Jerusalém e, ao retornar, passa por Constantinopla e Itália. Colhe informações para escrever, mais tarde, *Salammbô*, uma reconstituição da civilização Cartaginense na época das guerras púnicas.

Em 1851, tem início *Madame Bovary*, obra realista que o tornaria célebre e que levaria 5 anos para concluir.

Em 1866, recebe a Legião de Honra do governo francês.

Entre 1870-1871, os prussianos ocupam uma parte da França, e Flaubert se refugia com sua sobrinha, Caroline, em Ruão; sua mãe morre em 6 de abril de 1872 e, nessa época, passa por dificuldades financeiras.

Em 1874, escreve *La Tentation de Saint Antoine* (1874), inspirada num quadro de Bruegel. Em 1877, aos 55 anos, escreve “Trois Contes”, entre eles um que é considerado sua obra-prima, “Un cœur simple”, a história de uma criada bondosa e tola, Félicité, inspirada em Julie, empregada que servira Flaubert e sua família até morrer.

Sua obra *Bouvard e Pécuchet* fica inacabada e foi publicada posteriormente.

Pouco antes de sua morte, vende suas propriedades para evitar a falência do marido de sua sobrinha, e passa a viver de um salário como conservador da Biblioteca Mazarine.

Seus últimos anos são marcados por dificuldades financeiras. Morre subitamente, provavelmente de AVC, e é sepultado no Cemitério Monumental de Ruão, em presença daqueles que ele reconhecia como seus mestres: Émile Zola, Alphonse Daudet, Edmond de Goncourt, Théodore de Banville e Guy de Maupassant.

(Fonte: Wikipedia )

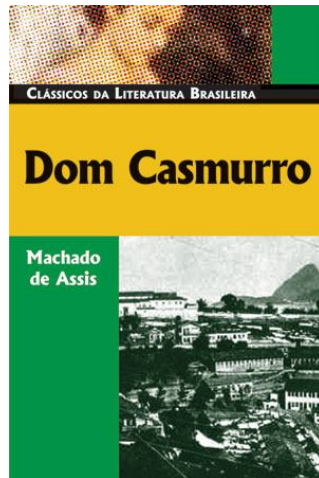
---

**Título:** Dom Casmurro

**Autor:** Machado de Assis

**Editora:** Ática

31ª Edição: 1998



Romance psicológico sobre uma suposta traição, indecifrável para o leitor. O narrador Bentinho acredita que sua mulher, Capitu, o tenha traído. A obra tem duas partes: a primeira conta a adolescência de Bentinho, quando ele rompe a promessa feita à mãe de se tornar padre para casar-se com Capitu; e a segunda começa com a separação do casal.

Narrado em primeira pessoa, *Dom Casmurro* foi publicado em 1900, embora a data da edição seja de 1899. Essa obra continua a trajetória de renovação iniciada com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881. O emprego de capítulos curtos, da já conhecida ironia, do pessimismo amargo e de técnicas narrativas renovadoras, como as digressões, metalinguagem e intertextualidades, mantêm-se também nesse romance.

Em *Dom Casmurro*, a narrativa exerce a função de uma pseudo-autobiografia do protagonista, Bentinho. Dessa forma, a memória servirá de vínculo entre a narrativa presente e a suposta verdade dos fatos, que a distância entre o passado e o presente teimou algumas vezes em nublar para o narrador. Esse resgate pela memória a partir do presente (*flash-back*) é, como acabamos de dizer, falho, já que o tempo incumbiu-se de distanciar os fatos do momento da escrita. Com isso, a narrativa não poderia seguir um caráter linear, nascendo fragmentada, digressiva.

Esse processo de escrita tem a nítida intenção de atribuir ao leitor o papel de explicar a maior dúvida de Bentinho: teria sido traído pela esposa com seu melhor amigo, Escobar, ou não? Ao final da narrativa, percebemos que carregamos a mesma dúvida de Bentinho, pois não conseguimos provar a culpa ou inocência de Capitu. Essa dúvida persiste porque o narrador tanto fornece indícios da existência do adultério quanto da pureza do comportamento da esposa. Entretanto, ele procura de todo modo, através de sua narrativa, convencer-nos da culpa de Capitu, o que terminaria por justificar sua decisão de abandonar mulher e filho na Suíça.

A obra significou, por mais de 60 anos, mais um exemplo de adultério feminino explorado na literatura realista. Entretanto, em 1960, a professora americana Helen Cadwel propôs a sua releitura, apontando Bentinho, e não a esposa, Capitu, como o problema central a ser desvendado. *Dom Casmurro* é um livro complexo e cada leitura origina uma nova interpretação. Machado de Assis faz no romance um fato inacreditável em sua narrativa: Ele cria um narrador que afirma algo (ou seja, diz que

foi traído) e o leitor não consegue decidir-se se ele está mentindo ou não.

Desde então, o romance vem sendo lido e relido, com novas chaves que cada vez mais comprovam tratar-se de um enigma elaborado pelo autor. Dentre as tais chaves destaca-se a não-confiabilidade do narrador (Bentinho), envolvido por sua personalidade ciumenta, invejosa, cruel e perversa a ponto de destruir aqueles que ama por uma suspeita que o leitor atento percebe ser no mínimo discutível.

Ao evocar o passado, Bentinho (D. Casmurro), que é o narrador-personagem, coloca-se em um ângulo neutro de visão. Dessa maneira pode repassar, sem contaminar, episódios e situações, atitudes e reações. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstrução do passado, o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma, temos uma dupla visão da experiência, reconstituída em termos de exposição e análise.

A visão esfumada do adultério é intencional. Dele o leitor só tem provas subjetivas, a partir da ótica do narrador, que nele acredita.

Ao adotar um narrador unilateral, fazendo dele o eixo da forma literária, Machado de Assis se inscreveu entre os romancistas inovadores.

### **Estrutura da obra**

O romance *Dom Casmurro* é dividido em 148 capítulos de diversas dimensões, predominando os curtos (técnica já utilizada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

**Ação** - O enredo da obra não é dinâmico, já que predomina o elemento psicológico. A narrativa é digressiva, ou seja, interrompida todo o tempo por fugas da linearidade para acrescentar pensamentos ou lembranças fragmentadas do narrador.

**Foco narrativo** - O romance é narrado em primeira pessoa, por Bento Santiago, que escreve a história de sua vida. Dessa forma o romance funciona como uma pseudo-biografia de um homem já envelhecido que parece preencher sua solidão atual com a recordação de um passado que nunca se distancia verdadeiramente, porque -foi marcado pelo seu sofrimento pessoal.

**Tempo** - O tempo é cronológico, cuja primeira referência é o ano de 1857, no momento que José Dias sugere a D. Glória a necessidade de apressar a ida de Bentinho para o seminário. Em 1858, Bentinho vai para o seminário. Em 1865, Bentinho e Capitu casam-se. Em 1872, Bentinho e Capitu separam-se. Aliás, se observarmos melhor essas datas, veremos que entre a ida de Bentinho para o seminário e o casamento decorrem sete anos, entre este último e a separação mais sete anos. Se tomarmos em conta essa “suposta coincidência”, podemos perceber que cada período forma um ciclo completo: ascensão, plenitude e declínio ou morte do sentimento amoroso.

**Espaço** - Toda a ação narrativa passa-se no Rio de Janeiro. O narrador faz-nos acompanhar sua trajetória pelos bairros e ruas do Rio, desde o Engenho Novo, onde - escreve sua obra, até a Rua de Matacavalos, onde passou sua infância e conheceu Capitu. É interessante lembrar, que as duas casas amarram-se novamente num círculo perfeito, já que a do Engenho Novo foi construída à semelhança da casa de

Matacavalos. A tentativa do narrador de atar as duas pontas da vida parece funcionar não apenas na ligação entre o presente e o passado, mas também na própria estrutura da obra, como vimos na introdução dessa parte.

## **Personagens**

Em *Dom Casmurro*, as personagens são apresentadas a partir das descrições de seus dotes físicos. Temos, portanto, a descrição, funcional, bastante comum no Realismo.

As personagens principais são:

**Capitu**, "*criatura de 14 anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo,... morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo... calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos*". Personagem que tem o poder de surpreender: "*Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia entender tamanha explosão*". Segundo José Dias, Capitu possuía "*olhos de cigana oblíqua e dissimulada*", mas para Bentinho os olhos pareciam "*olhos de ressaca*"; "*Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca*". A personagem nos é pintada leviana, fútil, a que desde pequena só pensa em vestidos e penteados, a que tinha ambições de grandeza e luxo. Foi comparada, certa vez pela crítica, como a aranha que devora o macho depois de fecundada.

**Bentinho**, também protagonista, que ocupa uma postura de anti-herói. Não pretendia ser padre como determinara sua mãe, mas tencionava casar-se com Capitu, sua amiga de infância. Um fato interessante é que os planos, para não entrar no seminário, eram sempre elaborados por Capitu. É o narrador e pseudo-autor da obra. Na velhice, momento da narração, era um homem fechado, solitário e triste. As lembranças de um passado triste e doloroso, tornaram-no um indivíduo de poucos amigos. Desde menino, foi sempre mimado pela mãe, pelo tio Cosme, por prima Justina e pelo agregado José Dias. Essa super-proteção tornou-o um indivíduo inseguro e dependente, incapaz de tomar decisões por conta própria e resolver seus próprios problemas. Essa insegurança foi, sem dúvida, o fato gerador dos ciúmes da suspeita de adultério que estragaram sua vida. As personagens secundárias são descritas pelo narrador:

**Dona Glória**, mãe de Bentinho, que desejava fazer do filho um padre, devido a uma antiga promessa, mas, ao mesmo tempo, desejava tê-lo perto de si, retardando a sua decisão de mandá-lo para o Seminário. Portanto, no início encontra-se como opositora, tornando-se depois, adjuvante. As suas qualidades físicas e espirituais.

**Tio Cosme**, irmão de Dona Glória, advogado, viúvo, "tinha escritório na antiga Rua das Violas, perto do júri... trabalhava no crime"; "Era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os olhos dorminhocos". Ocupa uma posição neutra: não se opunha ao plano de Bentinho, mas também não intervinha como adjuvante.

**José Dias**, agregado, "*amava os superlativos*", "*ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo... nos lances graves, gravíssimo*", "*como o tempo adquiriu curta autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia*



*opinar obedecendo", "as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole".* Tenta, no início, persuadir Dona Glória à mandar Bentinho para o Seminário, passando-se, depois, para adjuvante. Vestia-se de maneira antiga, usando calças brancas engomadas com presilhas, colete e gravata de mola. Teria cinquenta e cinco anos. Depois de muitos anos em casa de D. Glória, passou a fazer parte da família, sendo ouvido pela velha senhora. Não apenas cuidava de Bentinho como protegia-o de forma paternal.

**Prima Justina**, prima de Dona Glória. Parece opor-se por ser muito egoísta, ciumenta e intrigante. Viúva, e segundo as palavras do narrador: *"vivia conosco por favor de minha mãe, e também por interesse", "dizia francamente a Pedro o mal que pensava de Paulo, e a Paulo o que pensava de Pedro"*.

**Pedro de Albuquerque Santiago**, falecido, pai de Bentinho. A respeito do pai o narrador coloca: "Não me lembro nada dele, a não ser vagamente que era alto e usava cabeleira grande; o retrato mostra uns olhos redondos, que me acompanham para todos os lados..."

**Sr. Pádua e Dona Fortunata**, pais de Capitu. O primeiro, *"era empregado em repartição dependente do Ministério da Guerra"* e a mãe *"alta, forte, cheia, como a filha, a mesma cabeça, os mesmos olhos claros"*. Jamais opuseram-se à amizade de Capitu e Bentinho.

**Padre Cabral**, personagem que encontra a solução para o caso de Bentinho; se a mãe do menino sustentasse um outro, que quisesse ser padre, no Seminário, estaria cumprida a promessa.

**Escobar**, amigo de Bentinho, seminarista, *"era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos,... como tudo"*. Ezequiel Escobar foi colega de seminário de Bentinho e, como este, não tinha vocação para o sacerdócio. Melhor amigo de Bentinho. Gostava de matemática e do comércio. Quando saiu do seminário, conseguiu dinheiro emprestado de D. Glória para começar seu próprio negócio. Casou com Sancha, melhor amiga de Capitu. Morreu afogado depois de enfrentar a ressaca do mar.

**Sancha**, companheira de Colégio de Capitu, que mais tarde casa-se com Escobar.

**Ezequiel**, filho de Capitu e Bentinho. Tem o primeiro nome de Escobar. Quando pequeno, imitava as pessoas. Vai para a Europa com a mãe, estudou antropologia e mais tarde volta ao Brasil para rever o pai. Morre na Ásia de febre tifóide perto de Jerusalém.

## **Enredo**

Bentinho, chamado de Dom Casmurro por um rapaz de seu bairro, decide atar as duas pontas de sua vida . A partir daí, inicia a contar sua história.

Órfão de pai e protegido do mundo pelo círculo doméstico e familiar. Morando em Matacavalos com sua mãe (D. Glória, viúva), José Dias (o agregado), Tio Cosme (advogado e viúvo) e prima Justina (viúva), Bentinho possuía uma vizinha que conviveu como "irmã-namorada" dele, Capitolina - a Capitu. Seu projeto de vida era claro, sua mãe havia feito uma promessa, em que Bentinho iria para um seminário e tornaria-se

um padre. Cumprindo a promessa Bentinho vai para o seminário, mas sempre desejando sair, pois tornando-se padre não poderia casar com Capitu.

Apesar de comprometida pela promessa, também D. Glória (mãe de Bentinho) sofre com a ideia de separar-se do filho único, interno no seminário. Por expediente de José Dias (amigo da família), Bentinho abandona o seminário e, em seu lugar, ordena-se um escravo. José Dias, que sempre foi contra ao namoro dos dois, é quem consegue retirar Bentinho do seminário, quase convencendo D. Glória que o jovem deveria ir estudar no exterior, José Dias era fascinado por direito e pelos estudos no exterior.

Correm os anos e com eles o amor de Bentinho e Capitu. Entre o namoro e o casamento, Bentinho de formou em Direito e fez estreita amizade com um ex-colega de seminário, o Escobar, que acaba se casando com Sancha, amiga de Capitu.

Do casamento de Bentinho e Capitu, nasce Ezequiel. Escobar morre afogado e, durante seu enterro, Bentinho julga estranha a forma pela qual Capitu contempla o cadáver. Percebe que Capitu não chorava, mas aguçava um sentimento fortíssimo. A partir desse momento começa o drama de Bentinho. Ele percebe que o seu filho (?) era a cara de Escobar e ele já havia encontrado, às vezes, Capitu e Escobar sozinhos em sua casa. Embora confiasse no amigo, que era casado e tinha até filha, o desespero de Bentinho é imenso. cresce, Ezequiel se torna cada vez mais parecido com Escobar. Bentinho, muito ciumento, chega a planejar o assassinato da esposa e do filho, seguidos pelo seu suicídio, mas não tem coragem. A tragédia dilui-se na separação da casal.

Capitu viaja com o filho para a Europa, onde morre anos depois. Capitu escreve-lhe cartas, a essas altura, a mãe de Bentinho já havia morrido, assim como José Dias. Ezequiel um dia vem visitar o pai e conta da morte da mãe. O pai, que apenas constata a semelhança entre o filho e o antigo amigo de seminário. Ezequiel volta a viajar e pouco tempo depois, Ezequiel também morre, mas a única coisa que não morre no romance é Bentinho e sua dúvida.

### **Estilo de época e individual**

O Realismo é um estilo de época da segunda metade do séc. XIX, marcado por uma forte oposição às idealizações românticas. Assim, as personagens realistas apresentam mais defeitos do que qualidades, destacando-se as temáticas do adultério, dos interesses econômicos, da ambição desmedida, da dissimulação e da vaidade etc.

Machado de Assis, entretanto, ultrapassou a própria estética realista, na qual está inserido, ao utilizar recursos narrativos que não são típicos dos demais autores de sua época, antecipando mesmo certos aspectos de modernidade, o que aliás contraria o que disse dele Mário de Andrade em *Aspectos da Literatura Brasileira*. O emprego do micro-capítulo e de técnicas cinematográficas são bons exemplos dessa modernidade.

Machado foi o mais fino analista da alma humana, mergulhando densamente na psicologia de suas personagens para decifrar-lhes os enigmas da alma, seus sofrimentos, pensamentos e retirando desse mundo íntimo um retrato humano e social até hoje insuperável.

Seu estilo não é linear, como nos demais realistas, mas digressivo, paródico e

metalinguístico. Em *Dom Casmurro*, por exemplo, o narrador não se contenta em contar a sua história, mas parece conduzir o leitor por caminhos tortuosos através de sua memória e seus pensamentos antes de decifrar seu passado. Não satisfeito, parece adiar ainda mais os fatos na tentativa de explicar a própria obra (metalinguagem), justificando-se com ele (leitor incluso) ou ironizando-o.

### **Problemática e principais temas**

A riqueza temática de *Dom Casmurro* obriga os leitores a atos de profunda meditação, induzindo-os a um trabalho sério de levantamento das intenções do autor a cada momento.

De um modo geral, podemos destacar que o grande tema dessa obra é a suspeita do adultério nascida dos ciúmes doentios do narrador e protagonista Bento Santiago. É essa dúvida atroz que atormenta Bento Santiago obrigando-o a escrever essa espécie de livro de memórias para justificar-se diante de si mesmo e da sociedade. Entretanto, ao expor a história de sua vida, esse narrador não se desnuda das mesmas máscaras sociais que as demais pessoas, porque tenta nos persuadir de acreditar na sua versão dos fatos, ainda que procure também persuadir a si mesmo. Mas, se não conseguiu convencer-se da veracidade do adultério, teria conseguido convencer os leitores? Poderia Capitu ser culpada, apesar da ausência de provas cabais de sua traição? A culpa de Capitu significaria para Bentinho a absolvição de todos os seus erros. Por isso a versão dos fatos que cercaram a vida do narrador com Capitu é tendenciosa, por mais sincero que nos pareça esse narrador envelhecido pela ação contínua do tempo e pela solidão. O tempo poderia servir tanto como elemento distanciador das dolorosas emoções do narrador, quanto como fator de diluição das certezas dos acontecimentos. Entretanto, ele não consegue esquecer seus sentimentos, nem mesmo perdoar a mulher e o amigo.

É dessa forma que Machado conduz a força temática de *Dom Casmurro*, não utilizando, como era habitual na literatura realista, o adultério em si, mas a suspeita do adultério.

*Dom Casmurro* resultaria de uma tentativa do pseudo-autor de recompor o passado, como percebemos em suas palavras: “*O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência*”. O que leva Bento Santiago a essa busca do tempo perdido é, indiscutivelmente, a necessidade de expurgar o sentimento doloroso da dúvida em torno da traição.

O que teria levado Bentinho à situação de indivíduo ensimesmado, fechado, solitário, teimoso, um casmurro? A narrativa da primeira parte desse trabalho mostra-nos a construção lenta desse homem triste e solitário. Para analisarmos o homem, devemos aproveitar a máxima machadiana de que “o menino é o pai do homem”, surgida num de seus contos, intitulado *Conto de Escola*.

Primeiro foi a perda do pai, cujo modelo ele não teve presente para seguir; depois, as proteções materna e familiares que terminaram por tomá-lo inseguro, mimado, fragilizado e indeciso ao ser obrigado a tomar qualquer decisão. Bentinho é inseguro, fraco, ao contrário de sua mãe ou mesmo de Capitu. Dona Glória, José Dias e a prima Justina fizeram dele um menino mimado, acostumado com que lhe fizessem todas as vontades. Assim, parecia incapaz de aceitar a independência das pessoas que o cercavam. Qualquer passagem além desse limite de seu sentimento de posse, parecia-lhe

uma traição. Capitu era independente, tinha vontade própria. Não costumava tomar conselhos do marido antes de qualquer atitude. O mesmo ocorre com Escobar, que já não dependia mais do dinheiro de Dona Glória, mãe de Bentinho, pois realizara-se profissionalmente.

Capitu sempre soube exatamente o que queria: casar-se com o garoto rico da vizinhança, ou seja, Bentinho. Ao contrário de Bentinho, ela é forte, consegue facilmente dissimular situações embaraçosas, como as duas primeiras vezes que se beijaram. Em ambas ela tomou a atitude inicial e também soube sair-se bem diante da mãe, e depois, do pai.

Na verdade, é dessa força de Capitu que nasce a fraqueza de Bentinho. Este não sabia o que esperar das atitudes da mulher, que seguia seus próprios passos e princípios. Isso gerava a incerteza e fazia nascer a suspeita. Estamos certos de que, se o quisesse, Capitu realmente teria traído Bentinho, sem que esse sequer suspeitasse, se é que não o fez. Ela sabia dissimular como ninguém e manter-se em seu pedestal. Bentinho sabia disso e daí cresce a dúvida que o amargura e angustia. A morte, primeiro dos familiares, depois da mulher e do filho, tornam o narrador um indivíduo sem amigos, que vive apenas em seu mundo particular, isolado das demais pessoas.

Destruir essa incerteza que o acompanha desde muito parece uma questão de vida ou morte, mas Bentinho parece terminar sua obra sem atingir seu desejo maior. Apesar de ser um bom advogado em causa própria, cujos argumentos racionais parecem persuadir uma parte dos leitores, Bentinho não só não provou para si mesmo o adultério de Capitu - nem o contrário, sua fidelidade -, como não conseguiu esquecê-la. Ao retomar o passado, retomou também a forte lembrança desse amor e, claro, de seu ciúme doentio. Mas o que lhe restou senão atacar a mulher e o amigo, ambos mortos? Ambos sem direito de defesa ampla, como exigiria a lei? A única saída de Bentinho foi voltar ao seu projeto inicial de escrever a *História dos Subúrbios*.

**Joaquim Maria Machado de Assis** (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839 — Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1908) foi um romancista, dramaturgo, contista, jornalista, cronista e teatrólogo brasileiro, considerado como o maior nome da literatura brasileira, de forma majoritária entre os estudiosos da área. Sua extensa obra constitui-se de nove romances e nove peças teatrais, 200 contos, cinco coletâneas de poemas e sonetos, e mais de 600 crônicas. Machado assumiu cargos públicos ao longo de toda sua vida, passando pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, Ministério do Comércio e pelo Ministério das Obras Públicas. No dia 20 de julho de 1897 com iniciativa de Lúcio de Mendonça, fundou a Academia Brasileira de Letras.

A obra ficcional de Machado de Assis tendia para o Romantismo em sua primeira fase, mas converteu-se em Realismo na segunda, na qual sua vocação literária obteve a oportunidade de realizar a primeira narrativa fantástica e o primeiro romance realista brasileiro em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ainda na segunda fase, Machado produziu obras que mais tarde o colocariam como especialista na literatura em primeira pessoa (como em *Dom Casmurro*, onde o narrador da obra também é seu protagonista). Como jornalista, além de repórter, utilizava os periódicos para a publicação de crônicas, nas quais demonstrava sua visão social, comentando e criticando os costumes da sociedade da época, como também antevendo as mutações tecnológicas que

aconteceriam no século XX, tornando-se uma das personalidades que mais popularizou o gênero no país.

Filho do mulato Francisco Manuel José de Assis, pintor de paredes e descendente de escravos alforriados, e de Maria Leopoldina Machado, uma lavadeira açoriana da Ilha de São Miguel. Machado de Assis, que era canhoto, passou a infância na chácara de D. Maria José Barroso Pereira, viúva do senador Bento Barroso Pereira, na Ladeira Nova do Livramento, (como identificou Michel Massa), onde sua família morava como agregada, no Rio de Janeiro. De saúde frágil, epilético, gago, sabe-se pouco de sua infância e início da juventude. Ficou órfão de mãe muito cedo e também perdeu a irmã mais nova. Não frequentou a escola regular, mas, em 1851, com a morte do pai, sua madrasta Maria Inês, à época morando no bairro em São Cristóvão, emprega-se como doceira num colégio do bairro, e Machadinho, como era chamado, torna-se vendedor de doces. No colégio tem contato com professores e alunos, e provavelmente tenha assistido às aulas quando não estava trabalhando.

Mesmo sem ter acesso a cursos regulares, empenhou-se em aprender e se tornou um dos maiores intelectuais do país, ainda muito jovem. Em São Cristóvão, conheceu a senhora francesa Madame Gallot, proprietária de uma padaria, cujo forneiro lhe deu as primeiras lições de francês, que Machado acabou por falar fluentemente, tendo traduzido o romance *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo, na juventude. Também aprendeu inglês, chegando a traduzir poemas deste idioma, como *O Corvo*, de Edgar Allan Poe. Posteriormente, estudou alemão, sempre como autodidata.

De origem humilde, Machado de Assis iniciou sua carreira trabalhando como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Oficial, cujo diretor era o romancista Manuel Antônio de Almeida. Em 1855, aos quinze anos, estreou na literatura, com a publicação do poema "Ela" na revista *Marmota Fluminense*. Continuou colaborando intensamente nos jornais, como cronista, contista, poeta e crítico literário, tornando-se respeitado como intelectual antes mesmo de se firmar como grande romancista. Machado conquistou a admiração e a amizade do romancista José de Alencar, principal escritor da época. Era, no dizer do historiador literário Marques da Cruz, "*ponderado e honesto. Sóbrio na vida e no estilo*".

Baptiste Louis Garnier, convida Machado a trabalhar no *Jornal das Famílias* (1863 - 1878), onde tem contato com as obras de Shakespeare, através das páginas do periódico.

Em 1864 estreia em livro, com *Crisálidas* (poemas). Em 1869, casa-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais, irmã do poeta Faustino Xavier de Novais e quatro anos mais velha do que ele. Em 1873, ingressa no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, como primeiro-oficial. Posteriormente, ascenderia na carreira de servidor público, aposentando-se no cargo de diretor do Ministério da Viação e Obras Públicas.

Podendo dedicar-se com mais comodidade à carreira literária, escreveu uma série de livros de caráter romântico. É a chamada **primeira fase** de sua carreira, marcada pelas obras: *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), e *Iaiá Garcia* (1878), além das coletâneas de contos *Contos Fluminenses* (1870), *Histórias da Meia Noite* (1873), das coletâneas de poesias *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas*

(1875), e das peças *Os Deuses de Casaca* (1866), *O Protocolo* (1863), *Queda que as Mulheres têm para os Tolos* (1864) e *Quase Ministro* (1864).

Em 1881, abandona, definitivamente, o romantismo da primeira fase de sua obra e publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que marca o início do realismo no Brasil. O livro, extremamente ousado, é escrito por um defunto e começa com uma dedicatória inusitada: "Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas". Tanto *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como as demais obras de sua segunda fase vão muito além dos limites do realismo, apesar de serem normalmente classificados nessa escola. Machado, como todos os autores do gênero, escapa aos limites de todas as escolas, criando uma obra única.



Retrato de Machado de Assis em 1905.

Na **segunda fase** suas obras tinham caráter realista, tendo como características: a introspecção, o humor e o pessimismo com relação à essência do homem e seu relacionamento com o mundo. Da segunda fase, são obras principais: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1892), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908), além das coletâneas de contos *Papéis Avulsos* (1882), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1906), *Relíquias da Casa Velha* (1906), e da coletânea de poesias *Ocidentais*. Em 1904, morre Carolina Xavier de Novaes, e Machado de Assis escreve um de seus melhores poemas, *Carolina*, em homenagem à falecida esposa. Muito doente, solitário e triste depois da morte da esposa, Machado de Assis morreu em 29 de setembro de 1908, em sua velha casa no bairro carioca do Cosme Velho. Nem nos últimos dias, aceitou a presença de um padre que lhe tomasse a confissão. Bem conhecido pela quantidade de pessoas que visitaram o escritor carioca em seus últimos dias, como Mário de Alencar, Euclides da Cunha e Astrogildo Pereira (ainda rapaz e por isso desconhecido dos demais escritores), ficcionalmente o tema da morte de Machado de Assis foi revisto por Haroldo Maranhão. Não tinha uma visão religiosa, sendo assim declarando-se como ateu.

(Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado\\_de\\_Assis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis))

---

**Título: A Imagem da Mulher - Um estudo de Arte Brasileira**

**Autora:** Cristina Costa

**Editora:** Senac Rio-São Paulo, 2002.

Mulher, arte e ciência, o que elas têm em comum? A pesquisa da socióloga Cristina Costa resultou em um livro lançado em 2002: *A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira*, que traz um panorama da arte brasileira que analisa a mulher e sua posição na sociedade.

Entre as décadas de 70 e 80, quando predominavam os estudos de gênero na área de ciências humanas, muitos pesquisadores procuraram desvendar o universo feminino. De acordo com Cristina Costa, esse universo estava oculto, porque predominava a visão masculina, devido ao fato de existirem poucas mulheres pesquisadoras na área da sociologia.

Diante de um momento histórico de liberação feminina, ela decidiu abordar essa temática. A sua afinidade com a arte lhe permitiu perceber que a mulher era tema central em quadros, esculturas, gravuras e poemas. A pesquisadora utilizou 600 obras de arte dos museus de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, e 800 obras de Minas Gerais. As regiões foram escolhidas de acordo com a sua importância e facilidade de deslocamento.

Antes de analisar as obras, elas foram fotografadas, catalogadas e agrupadas de acordo com os elementos que as distinguiam: gênero, época de produção e temática. Depois, foram escolhidos os movimentos artísticos que dariam suporte às análises das obras, tais como modernismo, realismo, romantismo e também a forma de tratamento que seria dada à figura feminina.

A autora retratou uma visão da mulher diferente da encontrada na pesquisa tradicional, já que, utilizou fontes iconográficas, ou seja, imagens tais como pinturas, gravuras, iluminuras, além de alguns objetos de arte e esculturas.

Ao utilizar essas fontes para a sua pesquisa, enfrentou descrédito por parte de alguns pesquisadores, que achavam que não era possível fazer uma leitura científica da obra de arte. Quanto a isso a socióloga afirma que esse tipo de análise é possível, legítima e fecunda. A falta de tradição científica na leitura de imagens e a pouca valorização da arte brasileira foram outros problemas constatados por ela.

Estudou também a obra de mulheres artistas que surgiram no início do Movimento Modernista no Brasil, tais como Tarsila do Amaral e Beatriz Pompeu. Segundo a socióloga, a mulher artista é uma personagem recente e ainda tem uma expressão tímida na sociedade. "Devemos salientar que com o surgimento da pintura modernista, as mulheres inauguram a sua participação na arte brasileira. Encontramos não só retratos, mas um grande número de auto-retratos que acrescentam importantes aspectos ao estudo da imagem feminina. Os retratos dessa época não serviam apenas ao culto

doméstico; transformados em obras de arte, eram produzidos para salões e concursos, as mulheres passaram a produzir sua auto-imagem".

A socióloga trabalhou com as questões de gênero, na qual ela mesma estava inserida. Ao ser indagada sobre as dificuldades de seu percurso ela responde que foram muitas. "Falta de verbas, de apoio institucional, de interesse. O fato de que minha pesquisa terminou em 1990 e foi publicada em 2002 dá a medida exata das dificuldades pelas quais passo e passei. O fato de ser mulher também dificulta muito em muitos aspectos - na concorrência com os homens, nos salários, nos espaços decisórios, no machismo reinante da nossa cultura, especialmente nas instituições públicas".

A principal conclusão citada por Costa foi "a descoberta de que a mulher foi importantíssima no Brasil agrário. Ela era chefe do grupo e partilhava com o homem o poder patriarcal. A semelhança de seus retratos - do casal - aponta para isso".

Na tese sobre os diferentes tipos femininos mais presentes no Brasil, Costa compara seus resultados com os de uma pesquisa realizada na State University of New York. A pesquisadora Ann Kaplan, interessada em saber como a cultura americana trata o tema da maternidade, pesquisou a questão analisando a produção cinematográfica dos Estados Unidos a partir do século XIX.

Ela identificou três tipos femininos fortes nos filmes estudados. O "cúmplice", onde a mulher que vive a época da revolução industrial renuncia a tudo em prol da família. O segundo tipo, a mulher "resistente" surge no século XX entre as duas guerras, e mostra a emancipação do feminismo, a integração da mulher no mercado de trabalho e a sua luta pela sobrevivência das famílias. O último identificado é a mulher "pós-moderna" que depois de conquistar espaço social, econômico, político e a liberdade, enfrenta outras questões: aids, homossexualismo e formas não convencionais de reprodução.

A pesquisa de Ann Kaplan tem certas semelhanças com os tipos descobertos por Costa. Como por exemplo, a mulher "cúmplice" descrita por Kaplan pode encaixar-se nos retratos realistas de mulheres do século XIX, que eram mulheres fortes e resignadas e também viviam no meio rural. Porém, existem distinções. O Brasil era agrário, quase feudal, enquanto os Estados Unidos já eram um país industrializado e urbanizado. Outra semelhança foi entre a mulher representada nos retratos românticos modernistas e o tipo "resistente", mas nesse caso, a mulher americana já enfrentava a disputa com os homens no mercado de trabalho.

A relação entre as duas pesquisas mostrou à socióloga um importante fato: a arte clássica ou erudita e a cultura de massa não podem ser separadas para desenvolver uma pesquisa atual.

Outra conclusão da socióloga foi que, no passado, a arte podia ser estudada baseada em movimentos - os ismos - romantismo, impressionismo, expressionismo, cubismo. A arte moderna não pode ser analisada dessa forma, visto que ela está inserida em uma sociedade onde a estética, mesmo que baseada nesses movimentos, não é composta somente por eles, é permeada por diversas mídias, tais como televisão, cinema, internet, entre outras. Daí surge um novo contexto de produção e reprodução de imagens que passa a povoar o imaginário da sociedade.



Em seu livro, Costa explica esse pensamento, comentando "os ismos" artísticos: "os gêneros não representam apenas criações artísticas, mas necessidades psicológicas e sociais satisfeitas por meios estéticos". A pesquisadora ressalta ainda que o processo de construção da imagem tornou-se contínuo e dinâmico e acompanha as novas tecnologias, fazendo com que a imagem passe por diferentes formatos e suportes.

Diante dessas conclusões acerca da representação da mulher na arte, a pesquisadora percebeu que para compreender o universo feminino será necessário também analisar as imagens tratadas e veiculadas pela mídia em geral, além da arte, essas imagens permeiam o cotidiano da sociedade contemporânea.